

# Política

“

Poucas famílias detêm o poder. Quem domina hoje a mídia, a economia, as atividades do Estado são as elites e elites políticas; elas não são simpáticas a essa cultura democrática”

LUCIANA SANTANA  
CIENTISTA POLÍTICA



## Fazer política em Alagoas é diferente

Professora de Ciências Políticas da Ufal explica por que a política alagoana é tão peculiar e diversa do resto do país

CADU EPIFÂNIO  
EDITOR DE POLÍTICA

**E**la é mineira, está em Alagoas há pouco mais de dez anos; passou por São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco, e no estado vizinho atuou na área de avaliação de pesquisas políticas para o Diário de Pernambuco – assim como, na terra da Inconfidência, escreveu para o Diário de Minas. A professora Luciana Santana hoje coordena o Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e a ela questionamos sobre o porquê de se fazer política em Alagoas ser tão diferente daquela que se pratica em outros estados da federação. Em dezembro de 2012, em conversa informal com o

vice-governador do Estado, José Thomaz Nonó (DEM), a editoria de Política da Tribuna Independente ficou sabendo que uma pesquisa do Vox Populi, feita em 2012 para mapear os grupos e preferências eleitorais no Brasil, destacou que Alagoas tem a menor identificação partidária do país. O povo não vota em partido, e sim na pessoa. Ao contrário do que ocorre no Rio Grande do Sul, onde esse índice ultrapassa fácil os 90%.

A professora Luciana Santana foi além e disse que aqui, na Terra dos Marechais, assim como no país como um todo, a prática da corrupção não impede que o candidato receba voto. “É indiferente para a população”. Nisso, o alagoano se iguala aos demais currais eleitorais brasileiros.

**Tribuna Independente**  
- Por que Alagoas é essa ilha política, onde tudo aqui é feito de forma diferente?

**Luciana Santana** - Em pesquisas recentes feitas por nossos colegas na universidade, começamos a perceber que se pegarmos apenas o Nordeste, comparando Alagoas com os demais estados, o Estado de fato é *outside*. É fora da realidade. O Estado não criou uma identidade política própria. Isso vem se reproduzindo ao longo dos anos. Tanto é que você não tem uma esquerda de verdade, um centro, uma direita, ao contrário de Pernambuco, onde há grupos bem distintos. Mas até o desmembramento entre Alagoas e Pernambuco era para o Estado também ter criado isso, mas não. Isso tem a ver com a própria concentração de renda do Estado, onde o dinheiro e o poder estão nas mãos de poucos. Poucas famílias detêm o poder. Quem domina hoje a mídia, a economia, as atividades do Estado são as elites e elites políticas; elas não são simpáticas a essa cultura democrática. E isso vem se reproduzindo através dos tempos. A maior parte da população tem índices sociais baixíssimos e isso contribui. É muito mais fácil convencer uma população assim, do que uma mais esclarecida. Elas dão o voto, independentemente de onde o candidato seja e do que ele tenha feito, sem sigla partidária. Isso não importa ou difere para eles.

**T.I.** - Mas a miséria, os índices sociais baixos, também existem em outros estados. O Maranhão, por exemplo, também sofre com um índice de desenvolvimento humano baixo, mas ali cresce uma consciência política, por que aqui não?

**Luciana Santana** - Até no Maranhão, grupos antagonísticos se desenvolveram no decorrer dos anos, aqui não. Um grupo se sobressaiu, e outro que vinha de um partido que era forte – o antigo MDB – se subdividiu. Em Alagoas, não! Mas levamos em consideração que apesar do Sul e do Sudeste do país terem essas fronteiras partidárias bem definidas, existe uma quantidade de gente que também não se identifica e se insere nessa característica do alagoano. De 30% a 40% se filiam a um partido, num universo de 30 partidos no país. Isso é significativo e muito pouco. O problema de Alagoas neste sentido é que em Alagoas não existe uma identificação mínima. Dificilmente você ouve alguém dizendo que tem simpatia por PSDB, PT, PMDB, você



Como cientista política, Luciana Santana lamenta a ausência de uma identidade política em Alagoas

“

O nível de educação é que influi, pois não se cria identidade partidária. As pessoas não sabem a quem cobrar, elas fiscalizam menos, a impunidade é maior, o índice de corrupção cresce, se torna maior”

pode até ouvir uns 5% para o PSDB, em virtude da vitrine da última eleição. Mas é pouco.

**T.I.** - Essa falta de identificação partidária é a raiz do problema socioeconômico do Estado?

**Luciana Santana** - Na verdade, a relação é outra. É um ciclo. O nível de educação é que influi, pois não se cria identidade partidária. As pessoas não sabem a quem cobrar, elas fiscalizam menos, a impunidade é maior, o índice de corrupção cresce, se torna maior. Isso só acontece porque as pessoas não tomam as melhores decisões, como também elas não sabem as medidas de controle. Vejo pouco essa relação da identidade política desaguar na questão social. Pois o que afeta na verdade é a corrupção, pois é ela que impede o desenvolvimento social. No Sudeste e no Sul, isso é bem mais delimitado, seja na capital ou no interior. E vemos isso mais presente na esquerda. Como é o exemplo do Rio Grande do Sul, onde a esquerda é muito forte. Em Minas também, onde eles dominam há anos a prefeitura de Belo Horizonte. Desde a

“

Existe uma quantidade de gente que também não se identifica e se insere nessa característica do alagoano. De 30% a 40% se filiam a um partido, num universo de 30 partidos no país. Isso é significativo e muito pouco”

instituição da Constituinte de 1988, partidos de esquerda se revezam no poder lá. Em São Paulo, tem uma alternância, mas há uma clareza maior entre as bandeiras partidárias.

**T.I.** - E a reforma política, pode influenciar esse processo. Quais pontos que você acha que pode ajudar a mudar a política?

**Luciana Santana** - O financiamento público de campanha, o que eu acho mais importante, principalmente para prevenir essa questão da corrupção. O voto em lista, que tem de ser uma lista fechada. A própria América Latina já utiliza, só não o Brasil. E o voto distrital ou misto, pela representação. O misto seria o mais indicado, pois não desprivilegia nenhuma região. Metade desses candidatos é votada num distrito só.

**T.I.** - O que você vê de diferente na política alagoana?

**Luciana Santana** - O poder da política aqui é muito evidente nas pessoas. Aqui onde pouco se pode falar. Principalmente no ano eleitoral, quando se percebe como eles se articulam nas instituições e sociedade. As

pessoas são controladas pelos políticos, e pela política. Quem poderia fazer diferente, a classe média, não o faz. As pessoas têm medo, elas ficam muito dependentes dos grupos políticos, dos grupos econômicos. O ideal seria é que houvesse uma alternância de partidos, uma renovação. Até com perfil ideológico diferente para mudar isso, mas não há.

**T.I.** - O povo vota em político ladrão?

**Luciana Santana** - O povo não vê isso. Por exemplo, muitos falam que Lula roubou, roubou, roubou, mas sua popularidade não baixa. O mesmo é com Fernando Henrique Cardoso, dá no mesmo. Não importa se a população é mais carente ou mais alta. O que interfere mesmo são medidas impopulares, por parte do governo, aquelas que mexem no bolso. Vai mexer na conta de energia, inflação, no Bolsa Família. Segundo o professor Alberto Almeida, ex-Fundação Getúlio Vargas, o fator econômico é que define o voto. É preciso se criar um nível melhor de informação política.